

José Claudinei Lombardi  
Marcos Lima  
(Orgs.)

EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO:  
AS REVOLUÇÕES NOS SÉCULOS XIX E XX  
E AS POSSIBILIDADES DE UMA NOVA EDUCAÇÃO

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais  
Navegando Publicações  
2020



# XIV

## PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E A PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA: OS LIMITES DA PEDAGOGIA\*

*Rafael Fernando da Costa*

A reflexão sobre os limites da pedagogia para a transformação social é o objetivo neste texto, no qual buscamos destacar o papel da Pedagogia Histórico-Crítica como a possibilidade de se compreender a escola como um instrumento capaz de contribuir para a superação do capitalismo, isto é, capaz de contribuir para a revolução socialista. A Pedagogia Histórico-Crítica nega a onipotência da educação escolar, superando assim uma característica das teorias não críticas que atribuem à escola um poder ilusório. Mas, também nega a impotência da educação escolar, característica própria às teorias crítico-reprodutivistas. Portanto, é uma teoria da educação que capta criticamente a realidade escolar, ao mesmo tempo em que propõe a superação da ordem vigente.

Os questionamentos frente a educação e a revolução se fazem presentes na área de educação, sobretudo por conta das pedagogias socialistas, questionadas sobre a sua possibilidade de existência em uma sociedade capitalista. O problema ocorre por conta de uma abordagem formal (lógica formal) e não dialética (lógica dialética), ou seja, não se trata de avaliarmos a relação entre educação e revolução, mas a unidade entre educação e a revolução. Compreendendo estas categorias (educação e revolução) não como uma relação de simples decorrência, mas em um movimento interdependente e de reciprocidade.

A distinção entre a Pedagogia Histórico-Crítica e as demais teorias pedagógicas contra-hegemônicas é justamente o destaque para a compreensão da reciprocidade entre educação e revolução.

---

\* DOI – 10.29388/978-65-86678-06-2-f.323-336

Um dos modos possíveis de distinguir-se a pedagogia histórica-crítica das outras concepções contra hegemônicas (SAVIANI, 2008b) na história da educação brasileira é pela via de análise das relações entre educação e revolução. Defendo a tese de que, na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, por um lado a educação é um meio para a revolução socialista, e, por outro, a revolução é um meio para a plena efetivação do trabalho educativo. Essa tese tem por pressuposto que o pensamento pedagógico deve ser entendido, na sociedade contemporânea, em suas relações com a luta de classe (SAVIANI; DUARTE, 2012, 2016, p. 20-21).

A educação e o ensino são determinados pelo modo em que os homens produzem a sua existência material. Portanto, se faz necessário contextualizar a educação na base material em que ela se realiza. A base material determina as ideias, as teorias e as práticas pedagógicas da educação, determina a própria educação e seus objetivos declarados e ocultos. A luta de classe deve estar sempre presente em nossa análise para a compreensão e transformação da realidade e, concomitantemente, da transformação educacional (LOMBARDI, 2011 e 2011b).

Se faz necessário pensar na educação de forma macro estrutural, na qual a sua determinação é dada pelo modo de produção da vida material; considerar a educação como um concreto pensado e não através de abordagens que conferem a mesma um caráter abstrato e/ou idealista, que negam a materialidade e a conexão com o modo de produção e, conseqüentemente, com a história e a dialética. Reconhecendo que o homem produz sua existência e que tal produção se dá atrelada ao modo de produção e as suas condições materiais e suas contradições, entendemos que a produção da existência não parte do nada, o homem necessita da educação para poder compreender a humanidade e conseguir produzir a si mesmo. Sendo assim, a educação e o ensino assumem um papel central e se constituem como um espaço da luta de classes.

Lombardi (2011b) destaca a importância da luta de classes na sociedade capitalista no que diz respeito à educação. Assim como des-

taca que a educação sempre é vista como essencial, independente do projeto que se pretende (conservador, reformista ou revolucionário).

É importante destacar que esse movimento contraditório entre burguesia e proletariado, bem como de suas ressonâncias na educação, é apontado não somente por marxistas, mas também por intelectuais comprometidos com um entendimento contextualizado da educação. Franco Cambi, autor de recente obra de História da Pedagogia, faz uma síntese erudita e metodologicamente eclética dos conhecimentos construídos nesse campo de investigação. Ele entende o Século XIX como aquele caracterizado pela existência de uma frontal oposição entre as duas classes fundamentais da sociedade capitalista e que se refletia em todas as dimensões da vida e organização da sociedade, seja a econômica, a social, a política e a ideológica. Cambi enfatiza o confronto entre a burguesia e o proletariado, afirmando que esse embate também produziu projetos antagônicos e radicais no que diz respeito à educação e à pedagogia (CAMBI, 1999, p. 407). Para este autor, nenhuma região do planeta ficou livre das profundas e aceleradas transformações então em curso. Conservadores, reformistas e revolucionários colocavam na educação um papel essencial, quer para manter o equilíbrio e a harmonia social, quer para promover ajustes que resolvessem disfunções sociais ou mesmo para revolucionar a ordem existente (LOMBARDI, 2011b, p. 349).

Reconhecendo o poder ideológico da educação e que a burguesia se apropria da produção do conhecimento, assim como se apropria da produção fruto do trabalho, se faz necessário para uma pedagogia revolucionária questionar a standardização do conhecimento; tanto quanto os lucros advindos do trabalho, se faz necessário abolir o monopólio minoritário e classista sobre o conhecimento pela burguesia.

A escola não faz a revolução, mas a socialização do conhecimento é fundamental para viabilizar a revolução, sendo portanto revolucionária. No Brasil pensar e promover a educação, por si só, já é revolucionário. A escola tem o papel de educar por meio de uma determinada pedagogia – transmitir o conhecimento historicamente produ-

zido – e a escola é uma arma nas mãos das classes dirigentes e estas classes não tem nenhuma intenção de revelar o caráter classista da escola. Sendo assim, a escola se diz para todos quando na verdade existem escolas distintas para cada classe social e fração de classe. Sem uma teoria pedagógica revolucionária não pode haver uma prática pedagógica revolucionária.

Pensar em uma pedagogia revolucionária implica em transformar as bases materiais da organização social, ou seja, alterar o modo de produção. O processo de transformação da estrutura econômica, social e política se articula com o revolucionar da educação, através de uma pedagogia revolucionária. Logo, o movimento revolucionário da sociedade implica e é implicado pelo revolucionar da educação e da pedagogia.

Saviani (2017) trabalha o conceito de revolução destacando a sua condição material e a sua característica radical de mudança de forma:

Etimologicamente a palavra "revolução" deriva do verbo "revolver", que significa revirar, colocar o que estava embaixo para cima e vice-versa. Assim, quando se revolve a terra as camadas inferiores vêm para cima e as que estavam acima, sustentando-se sobre as de baixo, passam para o plano inferior. Essa analogia é interessante por três motivos: a) o ato de revolver, ou seja, a revolução, não acontece pela introdução de algo externo, trazido de fora, mas se dá internamente vindo à tona o que estava submerso e submergindo o que sobressaía; b) o ato de revolver, a revolução, não ocorre espontaneamente; ao contrário, exige a intervenção de agentes que intervêm no processo provocando a reviravolta; c) a revolução não é uma simples mudança, uma transformação de aspectos acidentais ou conjunturais que não afetam a estrutura do fenômeno objeto da modificação. A revolução é sempre transformação em sentido estrito, isto é, o ato de mudar a própria essência do objeto sobre o qual incide o referido ato. Trata-se, pois, de uma mudança radical, de caráter estrutural, que dá origem a uma nova forma (SAVIANI, 2017, p. 54).

O autor trata da relação entre educação e revolução destacando o caráter radical da revolução que a partir das condições objetivas e subjetivas constroem uma nova ordem, é uma mudança estrutural que deve ser vista de maneira dialética entre estrutura e superestrutura e, portanto, a educação (superestrutura) desempenha um papel central para a revolução. A pedagogia histórico-crítica é apresentada como uma pedagogia revolucionária que se constitui através de uma concepção crítico-dialética, ou seja, não reprodutivista, na qual se abrem as possibilidades para a compreensão e o reconhecimento da unidade entre educação e revolução. Reconhecendo a saturação do capitalismo, aponta para as condições objetivas para a revolução, ao mesmo tempo que verifica a necessidade da construção das condições subjetivas, ou seja, a necessidade de intervenção para que as pessoas compreendam tal saturação para a construção de uma nova ordem social. Tal intervenção também é papel da educação, de socialização do conhecimento, através da crítica desvelamento das condições históricas para a construção das condições subjetivas e, conseqüentemente, a revolução socialista. As condições subjetivas são exatamente a consciência de classe e experiências práticas de organização social diferenciada.

Nesse processo a educação desempenha papel estratégico porque, se as condições objetivas estão postas, para operar nestas condições não deixando escapar a oportunidade histórica de desencadear, com chances de êxito, a revolução socialista, impõe-se preencher as condições subjetivas que implicam uma aguda consciência da situação com uma compreensão clara das condições vigentes a partir de seus determinantes históricos a fim de se instrumentalizar tecnicamente para realizar as ações necessárias à construção da nova forma de sociedade. E é exatamente esse o âmbito de incidência do trabalho educativo que, conseqüentemente, deverá estar ancorado numa sólida teoria pedagógica que elabore e sistematize os elementos garantidores do acesso aos elementos que assegurem o desenvolvimento da consciência, a compreensão clara da situação e a instrumentação técnica para uma ação eficaz. É essa, enfim, a tarefa a que vem se propondo a pedagogia histórico-crítica constituindo-se, em conse-

quência, como uma teoria revolucionária da educação (SAVIANI, 2017, p.70).

Duarte (2016) também trata da relação entre educação e revolução, expondo a polêmica gerada por conta de uma lógica formal que não entende o movimento dialético e, portanto, a relação de reciprocidade e interdependência da educação e da revolução. Ou seja, a educação e a pedagogia em uma perspectiva socialista, que nega a sociedade capitalista e pretende contribuir com a formação plena do homem, ao mesmo tempo em que necessitam de uma nova sociedade instituída (o socialismo / comunismo) para o seu pleno desenvolvimento, contribuindo para a construção desta sociedade. Assim sendo, a socialização do conhecimento é tão necessária quanto a socialização dos meios de produção e das riquezas oriundas do trabalho. Duarte destaca a pedagogia histórico-crítica como sendo a proposta pedagógica que consegue superar os limites das teorias crítico reprodutivistas. Apesar de compreender os limites da educação escolar em uma sociedade burguesa, a PHC vislumbra a possibilidade da superação dos entraves para a superação da sociedade burguesa, sobretudo através da socialização dos conhecimentos produzidos historicamente pelo conjunto da humanidade.

Precisamos problematizar o papel da escola e da educação para a formação integral dos seres humanos e a construção da sociedade socialista, enfatizando a necessária vigilância em relação ao poder da escola, reconhecendo o seu potencial, sem negar a necessidade da mudança estrutural, ou seja, a socialização do conhecimento articulada à socialização dos meios de produção e do produto do trabalho. A socialização do conhecimento enquanto desnaturalização da realidade e a possibilidade da transformação da mesma, logo a necessidade da socialização dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos são condição e resultado da socialização dos meios de produção.

O conhecimento não deve servir apenas ao uso experimental, não se restringe a um elenco de informações. Trata-se da forma como vemos a realidade (visão de mundo) e como nos relacionamos com tal

realidade. Conhecer é se posicionar. Para tanto, a escola deve cumprir o seu papel de transmissão daquilo que é essencial no conhecimento humano, para além do seu uso instrumental, possibilitando a construção de uma visão de mundo crítica. Pois, como observa Duarte:

[...] a escola precisa ir além do cotidiano das pessoas e a forma de ela fazer isso é por meio da transmissão das formas mais desenvolvidas e ricas do conhecimento até aqui produzido pela humanidade. Não interessa, porém, à classe dominante que esse conhecimento seja adquirido pelos filhos da classe trabalhadora. Infelizmente há intelectuais marxistas que inadvertidamente acabam fazendo o jogo da burguesia ao desvalorizarem a educação escolar ou preconizarem uma escola descaracterizada, na qual a transmissão do conhecimento ocupa um papel secundário, subordinado às demandas da vida cotidiana dos alunos (DUARTE, 2012, p. 155).

O conhecimento no limite do instrumental pode estar aprisionado a uma visão de mundo que descarta os valores. O conhecimento é fundamental, mas não pode ser separado do posicionamento em relação à realidade. Quando trabalhamos o conhecimento na perspectiva histórico-crítica, compreendemos que ela é uma produção histórica ancorada em condições materiais. O ser humano participa do movimento da realidade enquanto produtor dentro das condições materiais, de suas contradições e as possibilidades de vir a ser.

Precisamos lidar com o conhecimento científico de maneira crítica, destacando as contradições de nossa organização social, da própria sociedade. Não podemos aceitar ou refutar o conhecimento, mas da reflexão crítica acerca do conhecimento, reconhecendo suas contradições e seu caráter histórico e dialético, fazer de sua socialização a possibilidade de elevação da consciência do proletariado.

A educação não está desvinculada do modelo/projeto de sociedade e, para forjar uma concepção política e uma postura revolucionária, se faz necessário formar o ser humano de forma integral. O ensino cognitivo e de conteúdos tornam-se importante, mesmo não sendo o



suficiente. Portanto, a apropriação do conhecimento socialmente produzido é de extrema importância para, concomitante a isso, assumir-se a postura revolucionária, para o desenvolvimento da alta cultura e o fim da exploração. A partir desse pressuposto, a educação deve ser vista como instrumento de emancipação humana, não podendo se restringir à empregabilidade e outras formas do fetichismo da mercadoria.

O processo educativo tem importância fundamental na formação das novas gerações, sobretudo se este está calcado em princípios para além do capital. A centralidade da escola enquanto base para formação plena do homem e, conseqüentemente, para a revolução, que é também cultural, visando a formação omnilateral, tem no trabalho um princípio educativo. Educar para o trabalho não é educar para o mercado de trabalho. Aqui nos referimos ao aspecto ontológico do trabalho e não à sua perspectiva funcional, como trabalho assalariado. Tais reflexões constam nos escritos de Marx e Engels (formação omnilateral), mais especificamente, destacamos o empenho de Gramsci, enfatizando a reciprocidade entre o trabalho e a educação (o trabalho como princípio educativo).

Lombardi faz uma reflexão sobre os escritos de Marx e Engels e verifica que a educação intelectual, física e tecnológica são orientações postas pelos autores em seus documentos de orientação ao proletariado. Destaca trechos das obras e pensamentos dos referidos revolucionários que, apesar de não se dedicarem ao tema de forma esparsa, possibilitam no conjunto de sua obra uma análise sobre a educação. A pedagogia marxista combina a instrução, a ginástica e o trabalho produtivo, sendo seu objetivo a eliminação da diferença entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre concepção e execução, de modo a possibilitar a reaproximação entre a ciência e a produção, assegurando a todos os homens uma compreensão integral do processo de produção, substituindo-se a competição no interior da escola pela cooperação e o apoio mútuo (LOMBARDI, 2011a, p. 2011b, p. 236-237).

A educação é indissociável da sociedade e, portanto, deve "propiciar aos homens o desenvolvimento integral de todas as potencialidades humanas. Todas as necessidades do homem devem emergir no processo educacional, tais como a busca pela sobrevivência, o prazer, a criação e o gozo da cultura, a participação na vida social, a interação com os outros homens, a autorrealização e a autocriação" (idem, 2011b, p. 362–363). A educação está conectada com a sociedade e, sendo localizada e determinada pelo modo de produção capitalista, pode tanto servir de promotora da inculcação ideológica burguesa quanto, a partir das contradições evidentes da sociedade burguesa, servir de instrumento crítico revolucionário. Ou seja, "a educação é indissociável da sociedade e pode servir tanto de instrumento para a manutenção das condições de exploração e subordinação do proletariado pela burguesia, quanto de alavanca para a necessária transformação histórica da sociedade em direção ao socialismo" (ibidem).

Gramsci, por sua vez, é retomado por Saviani (2015), destacando a importância do referido autor na compreensão da relação entre o desenvolvimento da base material com o desenvolvimento cultural, assim como, do trabalho como conceito central, sendo matéria e meio da educação.

Além de Marx, Gramsci, que entre os teóricos marxistas foi aquele que mais avançou na discussão da questão escolar, alimentou minhas análises pedagógicas. Inspirado nele, lancei mão da categoria "catarse" para caracterizar o quarto passo da pedagogia histórico-crítica, constitutivo do momento culminante do processo educativo, quando o educando ascende a expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social. Pareceu-me que a acepção gramsciana do termo "catarse", entendendo-a como a "elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos Homens" (Gramsci, 1978, p. 53), revelava-se perfeitamente adequada para exprimir o momento da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados, pela mediação do trabalho pedagógico, em elementos ativos de transformação social (SAVIANI, 2007a, p. 72) (SAVIANI, 2015, p. 82).

Saviani cita Gramsci enquanto uma de suas referências, reportando-se ao conceito de "catarse" como o momento em que o aluno consegue tomar consciência da realidade e, sendo ela de exploração própria do capitalismo, pode e tem os instrumentos para a sua transformação.

A PHC se apresenta como uma pedagogia concreta, uma pedagogia revolucionária, capaz de proceder, a partir da compreensão da realidade e suas contradições, para a construção de uma nova ordem social, em síntese, para a revolução. Saviani destaca na PHC o movimento que vai da síncrese à síntese, sendo este mediado pelo trabalho educativo, culminando na transformação social. O todo caótico é a impressão sensível e imediata que deve ser, por meio de abstrações, avançado no conhecimento e conseguir reduzir o todo caótico para a conceituação simples que, por sua vez, necessita voltar a totalidade e compreender o concreto. É o movimento de passagem do empírico para o concreto pela mediação da abstração, da síncrese para a síntese pela mediação da análise.

O ponto de vista histórico é a base para compreender a realidade que está calcada em condicionantes materiais (Marx) e ideológicos (Gramsci) e é importante ter consciência do movimento dialético para desnaturalizar e pôr fim à exploração. A teoria só é revolucionária quando inserida nas massas – educação das consciências. A educação também é luta por hegemonia – educação do senso comum à consciência filosófica – a educação como instrumento de luta. A PHC é a principal sistematização das influências marxistas na educação.

A teoria histórico-crítica ao propor uma pedagogia que supera a reprodutividade das teorias críticas que, na verdade, não chegam a propor uma pedagogia, mas apenas se posicionam, fazendo a denúncia do papel da educação como reprodutora da sociedade burguesa, aponta a prática social como o ponto de partida e de chegada, sendo a pedagogia uma mediação (problematização/instrumentalização/catarse). Na PHC a teoria não segue passos, não se limita à lógica formal, portanto, não se desenvolve de forma mecânica, mas dinâmica. Uma pe-

dagogia concreta que compreende o movimento da síntese para a síntese como processo adequado tanto para o método científico quanto para o pedagógico, vislumbra um movimento que parte da prática social para retornar à prática social, qualitativamente transformada, culminando na tomada de consciência das classes subalternas e a incorporação de instrumentos para a transformação social.

A revolução socialista é imprescindível, pois se não acontecer, o capitalismo esgotará a possibilidade de vida na terra, devido a exploração do trabalhador e da natureza. Não existe capitalismo com desenvolvimento sustentável, não existe desenvolvimento sustentável com o capitalismo. É importante o conhecimento para a revolução. O trabalho foi socializado, mas os meios de produção e o produto do trabalho não, a revolução é a socialização dos meios e do produto do trabalho. Para além de solucionar estas questões, a revolução possibilitará a formação plena do ser humano e, portanto, a socialização do conhecimento. No entanto, como vimos, não se trata de um movimento linear e harmônico, mas dialético, sobretudo por nos humanizarmos e desumanizarmos pelo trabalho, e no capitalismo este caracterizar-se pela alienação. No capital as ações têm por finalidade algum ganho, um pagamento, o que esvazia a atividade humana, que deixa de ter significado em si, tornando-se um meio de obtenção de mais valor. Tal situação afeta também as relações entre as pessoas, que passam a ser realizadas também de forma interesseira. Isto esvazia de conteúdo as relações sociais e o trabalho, tornando imprescindível a revolução socialista.

Identificamos na escola um poder real, ainda que limitado, onde o professor exerce uma atividade de grande importância para a socialização do conhecimento socialmente produzido a fim de realizar a elevação cultural das massas, construindo uma concepção de mundo que atenda aos interesses populares, atenta às armadilhas da cooptação pela classe dominante dos interesses da classe dominada. O professor organiza a cultura, mas há de tencionar, via o choque cultural, a organização social vigente, transitando do status de um intelectual tradici-

onal para o status de um intelectual orgânico das classes populares (Gramsci).

É preciso defender a escola e ficar alerta ao perigo da crítica à escola clássica resultar na defesa do fim da escola, sendo que, na verdade, para a classe trabalhadora, seria necessária a sua universalização. Ainda que a escola esteja sob o domínio da ideologia burguesa, em princípio a educação emancipa ao transmitir conhecimento. O movimento de produção do conhecimento, como horizonte da prática educativa, deve ser compreendido como um processo ao mesmo tempo indutivo e dedutivo, analítico-sintético, abstrato-concreto e lógico-histórico. Somente o materialismo histórico-dialético é capaz de possibilitar a compreensão da realidade passando do todo caótico para a síntese da totalidade na diversidade. Tal é a tarefa da escola, socializar o conhecimento e, fazendo isso, questionar as bases da sociedade capitalista.

A socialização do conhecimento científico, artístico e filosófico por parte da escola, requer do professor o compromisso com o domínio e transmissão do que há de mais desenvolvido para a formação de seus alunos. A educação e a instrução não são colocados em oposição, a transmissão é importante junto com a possibilidade de análise crítica a partir e em conjunto com o domínio do conhecimento científico. A apropriação do legado cultural já produzido pelo conjunto da humanidade, com a atenção para a sua devida tradução para os interesses do proletariado, é a possibilidade concreta da educação voltar-se para a emancipação humana, instrumentalizando as camadas populares no processo revolucionário de transformação social.

Destacamos, também, o cuidado necessário para a não dicotomização da prática pedagógica, em elementos estritamente teóricos ou, por outro lado, estritamente práticos. Assim procedendo, corre-se o risco dos professores que se colocam como progressistas ou revolucionários, não possibilitarem a socialização do conhecimento, acabando por reproduzir as desigualdades, de maneira conservadora e reacionária. A mudança na educação está vinculada à formação de professores,

uma formação que tem na escola o *locus* privilegiado do processo, no qual deve-se constituir a práxis revolucionária, unidade entre teoria e prática.

No entanto, é preciso se enfatizar que a deficiência na formação e atuação dos professores não é culpa dos mesmos, uma vez que estão condicionados à realidade material que impede que sua vontade seja concretizada por mero empenho e dedicação.

A educação é um campo da atividade humana e os profissionais da educação não construíram esse campo segundo ideias próprias, mas em conformidade com condições materiais e objetivas, correspondendo às forças produtivas e relações de produção adequadas aos diferentes modos e organizações da produção, historicamente construídas pelos homens e particularmente consolidadas nas mais diferentes formações sociais (LOMBARDI, 2011b, p. 353).

## **À guisa de conclusão**

Apesar dos avanços teóricos proporcionados pelo conjunto dos autores marxistas aqui referenciados, os fundamentos de uma pedagogia revolucionária não são abordados de maneira contundente nos cursos de pedagogia. Nas bibliografias das disciplinas oferecidas não se encontra nada específico sobre as proposições por nós apresentadas. Um processo recorrente de desqualificação da teoria e, conseqüentemente, da própria pedagogia, enfatizando-se a prática em detrimento da teoria.

Apesar dos limites da educação e da pedagogia destacados anteriormente, a PHC se apresenta como alternativa capaz de problematizar o poder ilimitado e ilusório, ou o poder limitado e real, colocando na mão dos educadores uma arma de luta capaz de permitir-lhes o exercício de um poder real, ainda que limitado.

## Referências

DUARTE, Newton. A dialética entre escola e revolução. In: DUARTE, Newton. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo**. Autores Associados: Campinas, 2016.

\_\_\_\_\_. Luta de classes, educação e revolução. In: SAVIANI, Demerval e DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Autores Associados: Campinas, 2012.

LOMBARDI, José Claudinei. **Educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2011a.

\_\_\_\_\_. Algumas questões sobre educação e ensino em Marx e Engels. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 347-366, abr. 2011b.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução. In: ORSO, Paulino et al. **Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução: 100 anos da Revolução Russa**. Campinas, Autores Associados, 2017.

\_\_\_\_\_. Marxismo, Educação e Pedagogia. In: SAVIANI, Demerval e DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas-SP: Autores Associados, 2015.